

CARTA DO
LIBANO

ELIZABETH 2^a
RAINHA
DO MUNDO

MULHERES
INSPIRADORAS

May Rihani

Tracy Chamoun

Dima e Tania
Nawbar

Sarah Beydoun

Maha Morley Kirk

Dana Baki

Sandra Mansour

Gemy Maalouf

Andrea Wazen

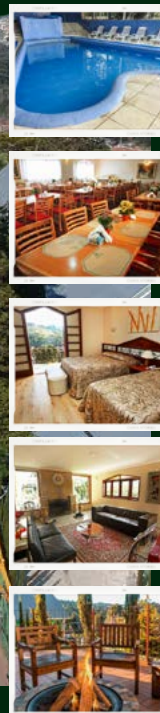
Nadine Mezher

Saniya Habboub

Sílvia Lotfi

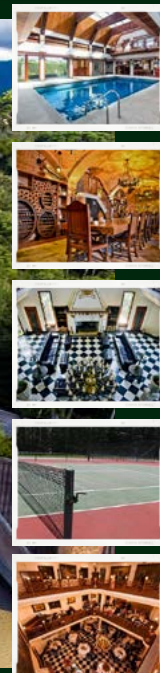
Simone Caldas Afif

LANÇAMENTO
DO FUNDO
HUMANITARIO
DE APOIO AO
POVO DO LIBANO,
EM BRASÍLIA



Telefone (12) 3663-3887 **WhatsApp** (12) 3663-3577 www.nacionalinn.com.br
reservas@nacionalinncampos.com.br

SOLICITE SUA RESERVA DIRETAMENTE COM O HOTEL E GARANTA TARIFAS ESPECIAIS!



Telefone (12) 3662-5950 **WhatsApp** (12) 3663-4338 www.nacionalinn.com.br
reservas1@castelonacionalinn.com.br

CARTA DO
LÍBANO

CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
RAINHA ELIZABETH 2ª

FOTO
AFP

SALVE RAINHA!

Quando eu estudava literatura inglesa na escola no Líbano, o capítulo mais fascinante era sobre a Era Vitoriana, de importância fundamental na história inglesa, entre 1837 e 1901. Vitória - tataravó de Elizabeth 2ª - rainha da Inglaterra e imperatriz da Índia, reinou por 64 anos sobre a imensidão de um império “onde o Sol jamais se põe”, em uma sociedade de valores morais tão rígidos que “vitoriano” tornou-se sinônimo dos hábitos e costumes do século 19.

A rainha Elizabeth 2ª, morta em 8 de setembro último, é a capa desta edição, uma homenagem à mulher mais famosa do século 20 até o presente, em um mundo mais interessado em compartilhar as estripulias das estrelas de reality shows e a opinião dos influenciadores digitais.

Discreta, reservada, disciplinada e absolutamente dedicada ao seu dever, ela simbolizava os valores britânicos tradicionais e era notável exatamente pelas coisas que não fazia.

“Declaro diante de todos vocês que toda a minha vida, seja longa ou curta, será dedicada ao seu serviço e ao serviço de nossa grande Família Real à qual todos pertencemos”, declarou a princesa Elizabeth, no dia de seu aniversário de 21 anos, em 21 de abril de 1947. O discurso radiofônico foi transmitido pela BBC - que completa seu centenário este ano - para todos os países da Commonwealth.

Assim, a soberana deu o tom para seu reinado declarando, na verdade, que o trabalho era maior do que a pessoa.

E em meio à triste situação econômica atual em que vive o povo do Líbano, brilhou uma faísca da solidariedade. O lançamento do Fundo Humanitário em Ajuda ao Povo do Líbano, em pronunciamento conjunto da embaixadora libanesa Carla Jazzar e de Carlos França, ministro das Relações Exteriores, na noite de 3 de agosto, na Embaixada do Líbano, em Brasília.

Uma edição com conteúdo de grande interesse e relevância.

Boa leitura!



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

SUMÁRIO

ANO 27 • NÚMERO 189 • 08 & 09.2022



06 | Cartas

08 | Capa

Elizabeth 2ª da Inglaterra foi um ponto de referência em mares agitados. Uma soberana incomum em um momento único na História

22 | A passagem pelo Brasil

23 | Números majestosos

24 | Curiosos privilégios de Elizabeth 2ª

25 | Realmente pop

MULHERES INSPIRADORAS

28 | May Rihani

32 | Tracy Chamoun

34 | Empreendedoras

Elas são cada vez mais numerosas, fazem a diferença, faturam e movimentam milhões. Conheça algumas poderosas libanesas que atraem a atenção, os olhos e investimentos do mundo inteiro

38 | Saniya Habboub

A primeira médica do Líbano

42 | Sílvia Lotfi

44 | Simone Caldas Afif

46 | Iniciativa

Alimento e união empoderaram mulheres no Líbano

48 | Glamour

O concurso de Miss Líbano 2022 despertou o sentimento patriótico no país



50 | Dança

Mayyas, os campeões da maior competição da TV americana

52 | Solidariedade

Os laços entre duas nações foram mais uma vez estreitados com o lançamento do Fundo Humanitário de Apoio ao Povo do Líbano, durante cerimônia solene em Brasília

62 | Artigo

Resgate patriótico



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteadando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

Prezado Fouad Naime,

“Minha coleção de Carta do Líbano acaba de ganhar o exemplar mais significativo. Inserido entre os “moços” vitoriosos nos mais diversos segmentos, Jorge Takla é nome relevante na cena cultural e artística do País.

Fouad, sua precisa resenha sobre “O Livro de Elias - Poema a Meu Pai” - fundeado nos chamados do Triângulo Mineiro - me dá acesso às colônias libanesas e sírias, fundamentais para o reconhecimento de minha obra.

Shucran, caro “brimo”.

A colônia libanesa estará sempre pronta para recebê-lo.

Jorge Alberto Nabut
Uberaba, MG



Prezado Fouad,

“Meus parabéns pela edição número 188. Com competência foi abordada a forte presença dos libaneses e seus descendentes nas atividades motoras da sociedade brasileira. Um abraço

Nacib Hetti
Belo Horizonte, MG

Agradeço a Deus

“Cada dia a oportunidade dos 30 anos vividos ao lado do ser humano especial que conheci, Carlos Jafet Junior. Agradeço a Fouad Naime, que dedicou a matéria “Tributo a Carlos Jafet Junior”, pelo respeito a uma grande amizade.

Silvana Mattar
São Paulo, SP



Cortes incríveis que transformam sua refeição em um momento inesquecível.

- São Paulo
- Rio de Janeiro
- Brasília
- Porto Alegre
- Curitiba
- Belo Horizonte
- Recife
- Goiânia
- Campinas
- Alphaville



pobrejuan.com.br | @ /restaurantepobrejuan

Elizabeth 2ª

A RAINHA DO MUNDO

Nenhum outro monarca viajou tanto, conheceu tantas pessoas ou teve sua imagem reproduzida com tanta voracidade pelos meios de comunicação. E muitos de seus súditos não viveram tanto quanto o seu reinado. Elizabeth 2ª da Inglaterra foi um ponto de referência em mares agitados. Uma soberana incomum em um momento único na História

FOTOS: AFP



Elizabeth 2ª foi a monarca de maior longevidade e a de reinado mais longo na história do Reino Unido, superando sua tataravó, a rainha Vitória, em 9 de setembro de 2015

“ Como rainha, viu e enfrentou a independência política de várias nações que pertenciam ao Império Britânico ”

A

o morrer, no último dia 8 de setembro, a rainha Elizabeth 2ª encerrou o mais longo reinado da Inglaterra. Ela estava com 96 anos e permaneceu no trono por sete décadas, só perdendo

para Luís 14, o Rei Sol, que reinou na França de 1643 a 1715: 72 anos, o recorde histórico.

Elizabeth Alexandra Mary de Windsor - chamada Lilibeth em família - viveu para celebrar o jubileu de prata em 1977, o de ouro, em 2002, diamante em 2012 e, neste ano, o jubileu de platina.

Também viveu para testemunhar, como princesa, as agruras e a vitória de seu país na Segunda Guerra Mundial. Como rainha, viu e enfrentou a independência política de várias nações que pertenciam ao Império Britânico, as convulsões libertárias dos anos 1960 - inclusive

condecorando os Beatles - a luta pelos direitos civis, o movimento feminista, a chegada do homem à Lua, a violência terrorista do IRA, a rebeldia punk, a guerra das Malvinas, o furacão Diana, o Brexit. Nenhum outro monarca antes dela teve de lidar com tantas mudanças e conflitos nacionais, internacionais e familiares.

Ela mesma se tornou rainha por conta de uma crise em família que mudou os rumos da monarquia

inglesa. Ao abdicar do trono para se casar com a mulher que amava - uma americana duas vezes divorciada - em 1936, seu tio, o rei Eduardo 8º, fez com que o pai de Elizabeth assumisse a coroa como George 6º. A menina de 10 anos passou a ser a próxima na linha sucessória e, desde então, viveu exclusivamente para essa função, ser coroada rainha.

A CRIANÇA MAIS FAMOSA DO PLANETA

Elizabeth nasceu em 21 de abril de 1926, no número 17 da Burton Street, no aristocrático

bairro de Mayfair, Londres, na casa de seus avós maternos, o conde e a condessa de Strathmore. Seu pai, Albert, Duque de York, era o segundo filho do rei George 5º. A mãe, a Duquesa de York, era a ex-lady Elizabeth Bowes-Lyon.

Na ocasião de seu nascimento, a Inglaterra vivia a histórica Greve

Geral de 1926 e a princesa foi a criança mais famosa do mundo - título que perderia na década seguinte para Shirley Temple, a estrela mirim de Hollywood. Chocolates, porcelanas e enfermarias de hospital receberam seu nome, uma canção popular foi composta para ela, seu rosto apareceu em um selo da Terra Nova e uma fatia da Antártida foi batizada Terra Princesa Elizabeth. Em casa, cresceu uma menina independente, disciplinada e responsável pela irmã



Elizabeth no histórico pronunciamento de lealdade à coroa e à Commonwealth, nos jardins da Casa do Governo na Cidade do Cabo, África do Sul, em 21 de abril de 1947. Ela subiria ao trono, depois da morte de seu pai, em 1952. Na página ao lado, a rainha Elizabeth e o rei George 6º com as filhas: princesas Margaret Rose e Elizabeth - futura Elizabeth 2ª - em 1939



Retrato oficial da princesa Elizabeth e do príncipe Philip casados em 20 de novembro de 1947

“ Elizabeth, em vista de seu futuro papel, tenha recebido aulas de francês e aulas de história constitucional britânica ”

mais nova, princesa Margaret Rose, nascida em 1930. Também na infância e adolescência desenvolveu seu amor por cavalos e cães, da raça corgis.

As princesas inglesas passaram a Segunda Guerra Mundial no Castelo de Windsor, para onde foram enviadas por medida de segurança quando Londres sofria os bombardeios da Luftwaffe de Hitler. Foram educadas por uma governanta, Marion Crawford, embora Elizabeth, em vista de seu futuro papel, tenha recebido aulas de francês e aulas de história constitucional britânica com o vice-reitor, de Eton College, sir Henry Marten. Segundo comentários dos corredores do palácio de Buckingham, o velho mestre era distraído e, por estar acostumado a ensinar meninos, às vezes se dirigia à princesa como “cavalheiro”.

Os pais cuidaram para que Elizabeth conhecesse e recebesse visitantes importantes, como a primeira-dama dos EUA Eleanor Roosevelt e o general americano Dwight D. Eisenhower, como parte de seu treinamento. O

primeiro-ministro Winston Churchill insistiu que a princesa fizesse seu primeiro pronunciamento público em um discurso, transmitido pela rádio BBC, no início da Guerra. O velho político acreditava que a fala seria um apelo irrecusável para os EUA entrarem no combate contra a Alemanha.

Aos 16 anos, Elizabeth assumiu o primeiro papel cerimonial, recebendo o título de coronel honorário dos Guardas Granadeiros. Nos últimos

meses do conflito, depois de um curso no Serviço Territorial Auxiliar, ela serviu aos esforços de guerra como motorista e mecânica - além de saber trocar pneus. Durante toda a vida, se orgulhou da habilidade e rapidez no volante.

PROMESSA DE VIDA

“Declaro diante de todos vocês que toda a minha vida, longa ou curta, será dedicada ao seu serviço e ao serviço de nossa grande Família Real à qual todos

pertencemos”, declarou a princesa Elizabeth, no dia de seu aniversário de 21 anos, em 21 de abril de 1947. Transmitido pelo rádio, para todos os países da Commonwealth, o discurso foi proferido na África do Sul, ainda sob domínio britânico, durante a primeira turnê internacional de Sua Alteza, marcando sua maioridade. Era o pós-guerra e a coroa britânica começava a encarar o colapso do império em um mundo em rápida transformação. Hoje, esse pronunciamento revela-se



profundamente verdadeiro.

Na viagem, Elizabeth foi acompanhada pela princesa Margaret, num esforço do palácio para testar o romance entre a jovem herdeira do trono e o belo Philip, príncipe da Dinamarca e da Grécia, seu primo em terceiro grau e sobrinho do lorde Mountbatten, último vice-rei da Índia. A ligação entre os jovens se provou genuína e o casal subiu ao altar naquele mesmo ano. Do casamento nasceram o



Elizabeth 2ª e o primeiro-ministro Winston Churchill. Ele liderou o governo duas vezes sob seu reinado. Na página ao lado, a primeira-ministra Margaret Thatcher e a rainha Elizabeth 2ª em 1979: apartheid e guerra das Malvinas

“Os tempos mudaram e a popularidade da monarquia registrou altos e baixos, mas a rainha sempre foi uma figura popular”

agora rei Charles 3º (1948) e a princesa Anne (1950).

Em 1952, Elizabeth e Philip embarcaram em uma extensa turnê pelos países da Commonwealth na África. A viagem foi interrompida no Quênia com a notícia da morte do rei George, vítima de câncer. Elizabeth saiu do país princesa e, na volta, desembarcou em Londres já como a rainha Elizabeth 2ª.

A coroação aconteceu em 2 de junho de 1953. Pela primeira vez a cerimônia era televisionada, causando verdadeira revolução na mídia, atraindo os olhares não apenas dos súditos ingleses, mas de pessoas de todo o mundo.

ELIZABETH REGINA!

Elizabeth recebeu o título de rainha do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, rainha de seus outros Reinos e Territórios e chefe da Commonwealth. Uma jovem monarca que deixava para trás a velha monarquia encarquilhada com ares de século 19, apontando para um caminho novo repleto de desafios.

Desde então, a monarca se tornou um símbolo de continuidade que passou pela desintegração do império, a Guerra Fria, as mudanças sociais do pós-guerra, os felizes anos 1960, a chegada da era digital e a saída da União Europeia no referendo de 23 de junho de 2016. Os tempos mudaram e a popularidade da monarquia registrou altos e baixos, mas a rainha sempre foi uma figura popular, possivelmente a mulher mais famosa do mundo.

Sim, quando Elizabeth subiu ao trono ainda vigoravam os antigos valores da realeza como esteio moral da nação e representante idealizada das virtudes familiares. A primeira crise familiar enfrentada pela rainha ocorreu quando teve de se posicionar diante do possível casamento de sua irmã Margaret com o capitão Peter Townsend, um homem divorciado.

A abdicação do rei Eduardo 8º, ainda reverberava na memória nacional no final dos anos 1950 quando Sua Majestade vetou o casamento e Margaret acatou a decisão da irmã soberana - mas não sem resistência e um ressentimento entre as duas que prosseguiu até a morte de Margaret, em 2002.

Ao mesmo tempo, no cenário político, havia sinais de que a monarquia precisava mudar além do semblante jovial da nova monarca. Ironicamente foi lorde Altrincham, da pequena nobreza e monarquista ferrenho, quem se



manifestou publicamente contra a visão estreita da coroa para questões protocolares, sociais e de governo. Além disso, os anos 1960 trouxeram profundas mudanças geopolíticas e de costumes, exigindo

uma nova atitude e uma nova mentalidade.

E ainda havia a questão dos primeiros-ministros. O outrora vigoroso Winston Churchill dos dias da Guerra, mostrou-se senil ao servir novamente como chefe de governo no início do reinado de Elizabeth, e renunciou em 1955, pouco antes de completar 80 anos. Ao mesmo tempo, o Partido Trabalhista conquistou maior

“Vitória, a tataravó de Elizabeth 2ª, rainha da Inglaterra e imperatriz da Índia, reinou por 64 anos”

protagonismo frente ao Partido Conservador, chegando ao poder com o duas vezes primeiro-ministro Harold Wilson (1964-1970/1974-1976), com quem a rainha desenvolveu uma cordial amizade.

Durante os anos 1960, a rainha teve mais dois filhos: os príncipes Andrew, em 1960, e Edward, em 1964.

A DAMA DE FERRO E O FURACÃO DIANA

É curioso observar como na história inglesa a presença feminina foi decisiva em momentos capitais. A primeira Elizabeth, filha e sucessora do rei Henrique 8º, no século 16, consolidou o esplendor do império e a posição de nação mais rica e poderosa da Terra, num período conhecido como Era Elizabetana. Vitória, a tataravó de Elizabeth 2ª, rainha da Inglaterra e imperatriz da Índia, reinou por 64 anos sobre a imensidão de um império “onde o Sol jamais se põe” em uma sociedade de valores morais tão rígidos que “vitoriano” virou sinônimo dos hábitos e costumes do século 19.

Na Inglaterra do final do século 20, duas mulheres bateram de frente com a imagem e o poder de Elizabeth 2ª: a primeira-ministra Margaret Thatcher e Diana, princesa de Gales.

A primeira, política com posições conservadoras radicais, principalmente na economia, exerceu seu cargo com carisma, autoridade e muita controvérsia entre 1979 e 1990. A segunda, dispensa apresentações. Ao se casar com o príncipe Charles, em 1981, ascendeu como princesa de um conto de fadas da vida real. Porém a realidade se mostrou dramática com um desfecho trágico.

Altiva, elegante, combativa e inabalável em suas posições, Thatcher foi a primeira mulher

inglesa a liderar um partido político. Não tinha medo de tomar medidas impopulares e seu governo foi marcado por medidas nada simpáticas como a privatização de empresas estatais, a diminuição do poder dos sindicatos e a criação de impostos. Além de ter sido contrária às sanções econômicas ao regime segregacionista da África do Sul e declarar guerra à Argentina pelo domínio das ilhas Falkland, no Atlântico Sul. O que teria desgostado, e muito, a rainha. Mesmo assim, a Dama de Ferro - como a chamou um jornalista russo - revitalizou a economia do país diminuindo o desemprego. Ao lado do então presidente americano Ronald Reagan, foi o símbolo da política conservadora que imperou no mundo nos anos 1980 e seu estilo de gestão ficou conhecido por “thatcherismo”. Renunciou em 1990 e, a crônica política nativa considera Margaret Thatcher um dos primeiros-ministros mais dedicados e leais à Sua Majestade.

Desde o princípio, lady Diana Spencer deu indícios que não seria apenas “bela, recatada e do lar”. Durante o namoro e noivado com o príncipe, soube seduzir a mídia e a opinião pública com olhar ingênuo e sorriso tímido. Ao mesmo tempo, era bem mais jovem, bonita e glamourosa do que Camilla Parker Bowles, a não tão secreta amante de Charles. O casamento, na Catedral de St. Paul, parou o planeta e o resto é história.

Na sequência, a rainha teve de enfrentar os altos e baixos de uma relação fadada ao fracasso que começou a fazer água já na lua de mel. O casal produziu o tão esperado herdeiro ao trono, o príncipe William, e seu irmão Harry. Enquanto os garotos crescem, os pais se afastam cada vez mais. A rainha, segundo registros da época, dizia que a nora era uma “garota aborrecida”, em sua necessidade de se destacar e assumir um lugar de relevância na família real.



O príncipe Charles e lady Diana Spencer anunciam o noivado, em 27 de março de 1981. A rainha Elizabeth aprovou a união através do Conselho Privado do Palácio de Buckingham

“Entrando no novo milênio, Elizabeth 2ª viu a morte da mãe, aos 102 anos, e da irmã Margaret, no mesmo ano de 2002”

Indiscrições da mídia - o livro “Diana, Her True Story” e a famosa entrevista da princesa para o jornalista Martin Bashir na TV - revelaram que havia infidelidade de ambos os lados, incompatibilidades de gênio, de agenda e distúrbios alimentares azedando a situação. Segundo a crônica real, foi a própria rainha Elizabeth quem deu o passo definitivo e insistiu que Charles e Diana se divorciassem, o que aconteceu em 1995.

Na verdade, a última década do século 20 não foi auspiciosa para a rainha. Além da separação dos príncipes de Gales, ela também viu acabar em divórcio os casamentos da filha Anne com o tenente Mark Phillips e do filho Andrew, com Sarah Fergusson - ambos com sua cota de infidelidade

e indiscrições na mídia. Elizabeth declarou publicamente em discurso que 1992 foi um “annus horribilis”, incluindo nele o incêndio ocorrido em seu amado

Castelo de Windsor - onde agora ela se encontra sepultada.

O grande baque, entretanto, viria cinco anos depois, quando a princesa Diana - então uma celebridade internacional amada por milhões - morreu no acidente de carro, em Paris, ao lado do namorado, o playboy bilionário de origem egípcia Dodi al-Fayed.



Entre a noite fatídica do sábado 31 de agosto de 1997, até o primeiro pronunciamento oficial da rainha sobre a tragédia, na quinta-feira seguinte, a monarquia inglesa sofreu o mais sério revés de sua história. A opinião pública simplesmente não aprovou o longo silêncio da coroa. Afinal, Diana não era apenas a “princesa do coração do povo” - como se manifestou o então primeiro-ministro Tony Blair - mas a mãe de William, um futuro rei da Inglaterra.

A assessoria do palácio de Buckingham alegou luto em família para justificar o silêncio real e finalmente a rainha apareceu em público, caminhando na frente da residência oficial em Londres, cumprimentando a multidão em vigília. Em seguida, saudou Diana como um ser

humano excepcional, em um muito aguardado discurso na TV.

Atravessou o furacão sem perder a majestade.

A SEGUNDA ERA ELIZABETANA

Entrando no novo milênio, Elizabeth 2ª viu a morte da mãe, aos 102 anos, e da irmã Margaret, aos 71, no mesmo ano de 2002. Em 2005, o príncipe Charles finalmente se casou com Camilla Parker Bowles, agora rainha consorte. Mostrando-se aliviada, a rainha manifestou sua alegria pelo filho estar finalmente “em casa e seco”.



Primeiro pronunciamento oficial de Elizabeth à nação, na BBC, sobre evacuar a população infantil de Londres, no início da 2ª Guerra Mundial. “Posso dizer a todos que nós, crianças em casa, estamos cheios de alegria e coragem. Estamos tentando fazer tudo o que podemos para ajudar nossos bravos marinheiros, soldados e aviadores, e estamos tentando suportar nossa própria parte do perigo e da tristeza da guerra”. Na página ao lado, Elizabeth com o vizinho francês, o general Charles De Gaulle, em 1968

“ A morte de Elizabeth marca o fim de uma era mundial e encerra no Reino Unido a Segunda Era Elizabetana ”

A família real então já havia feito o famoso acordo para começar pagar imposto de renda e viu seu imponente iate real, o Britannia, ser descomissionado.

Habilidosa como nunca em sua função de “consultar, aconselhar e alertar” nas questões de governo, a rainha manteve-se impávida acima das paixões políticas, evitando se manifestar em assuntos portentosos como o desejo de independência da Escócia e o Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia. O relacionamento com os primeiros-ministros Gordon Brown, David Cameron e Theresa May foi cooperativo e cordial. Exceção feita ao polêmico Boris Johnson, devido ao seu comportamento midiático ostensivo.

“Para ela, ser rainha é um grande papel, maior que ela, e é um papel que tenta cumprir”, disse à AFP Kate Williams, autora de “A jovem Elizabeth: a criação de uma rainha”, lançado em 2012, quando ela completou 60 anos de reinado. “Não é apenas um emprego de tempo integral, é toda sua vida”, destacou.

Dedicada estoicamente ao seu dever, ela raramente deixava transparecer suas emoções e nunca suas opiniões. Em uma raríssima exceção de sua discrição habitual, algumas semanas antes da cúpula do clima COP26 em Glasgow, o microfone de uma câmera de televisão a capturou a rainha expressando sua irritação com líderes mundiais que “falam” sobre o aquecimento global “mas não agem”.

Na família, viu seu neto mais velho, o príncipe William, se casar com a herdeira Kate Middleton, em tudo diferente de sua falecida nora Diana - discreta, recatada, simpática e carismática. William e Kate deram o primeiro bisneto à rainha, o príncipe George, em 22 de julho de 2013. A princesa Charlotte nasceu em maio de 2015. Mas logo os escândalos voltaram.

Em 2019, o príncipe Andrew, considerado seu filho favorito, envergonhou a família por

sua amizade com o financista americano Jeffrey Epstein, acusado de exploração sexual de menores. Uma delas, Virginia Giuffre, afirmou ter sido forçada a fazer sexo com o príncipe quando tinha 17 anos. Ele negou, mas foi forçado a se retirar da vida pública. Em 2022, diante da ameaça de um julgamento civil por agressão sexual nos Estados Unidos, ele foi privado pela rainha de suas honras militares e deixou de usar o título de Alteza Real.

Já o neto mais novo, Harry, demonstrou comportamento rebelde desde a adolescência. Namorou muito, bebeu outro tanto e se meteu em episódios muito explorados pelos tablóides. Até se casar, em 2018, Meghan Markle, americana, atriz, divorciada e afrodescendente. Dois anos depois o casal decidiu deixar a monarquia e mudou-se para a Califórnia. Eles declararam que a família teria sido pouco solidária e racista, levando a rainha a ter de gerir uma nova crise institucional aos 95 anos.

Elizabeth 2ª ainda viveu para enfrentar a pandemia de Covid 19 - ela mesma chegou a ser diagnosticada com a doença, mas de forma branda. Em abril de 2021 a morte de seu marido, Philip - aos 99 anos - deixou “um enorme vazio” em sua vida e ela mal parecia derramar uma lágrima, mas sua saúde começou a se deteriorar muito rapidamente pouco depois.

Este ano, não participou de todas as comemorações de seu Jubileu de Platina, mas ainda teve tempo para uma última aparição. Visivelmente abatida pela idade, porém sorridente, ela recebeu Liz Truss, a última primeira-ministra de seu reinado, no Castelo de Balmoral, onde dias depois morreu.

A morte de Elizabeth marca o fim de uma era mundial e encerra no Reino Unido a Segunda Era Elizabetana. Provavelmente não veremos outro monarca igual novamente.

Deus receba a Rainha! ■



Envolto no estandarte real, o caixão da rainha Elizabeth 2ª no interior da Abadia de Westminster, antes do serviço fúnebre com honras de estado

a passagem PELO BRASIL

Sua alteza real Elizabeth 2ª da Inglaterra e seu marido, o príncipe Philip, duque de Edimburgo, desembarcaram no Brasil em 1º de novembro de 1968. Vieram, em voos separados, da Cidade do México, onde haviam assistido aos Jogos Olímpicos. Foi a primeira e única visita de um monarca britânico à América do Sul.

No roteiro, visitas às cidades de Recife, Salvador, Brasília, São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro. O presidente era o general Artur da Costa e Silva e o objetivo da visita era estreitar o laço entre os dois países - e também uma maneira de legitimar o regime militar, não muito bem visto no resto do mundo. A maior parte dos deslocamentos foi feita a

bordo do iate real Britannia.

Na capital Paulista, além de visitar o Museu do Ipiranga e o Edifício Itália, a rainha inaugurou as novas instalações do Masp, na avenida Paulista, onde foi recebida pelo diretor da instituição, o professor Pietro Maria Bardi. O casal real também assistiu shows, encontrou personalidades locais - de políticos a sambistas - visitou escolas, fazendas e monumentos.

Para encerrar com chave de ouro, a rainha e o príncipe viram uma partida de futebol no Maracanã, no Rio de Janeiro, e na sequência encontram-se com outro rei, Pelé. O presente mais inusitado que receberam no País foi um casal de onças, oferecido pelo prefeito de Brasília e enviado ao zoológico de Londres.



Elizabeth 2ª recebida pelo presidente Costa e Silva, em 1968; o casal real com outro rei, Pelé; e durante a visita à Torre de TV, em Brasília



Ao lado, a princesa Margaret Rose, irmã da rainha. Abaixo: a rainha em retrato de família para a comemoração de seus 90 anos, em 2016



números MAJESTOSOS

1 irmã, a princesa Margaret Rose
2 aniversários: o oficial, em sua data de nascimento, 21 de abril, e o comemorativo, no segundo sábado de junho, no verão, para evitar o mau tempo
4 filhos, **8** netos e **12** bisnetos
70 anos de reinado
15 primeiros-ministros serviram o Reino Unido durante o reinado de Elizabeth 2ª
116 países visitados
 Mais de **30** cães da raça corgis ao longo de **6** décadas
 Ao morrer, a rainha possuía cerca de **150** cavalos

1,06 Kg é o peso da coroa imperial, usada pela rainha **1** vez a cada ano na cerimônia de Abertura do Parlamento
5 residências: Palácio de Buckingham (Londres-Inglaterra), Castelo de Windsor (Windsor-Inglaterra), Palácio de Holyroodhouse (Edimburgo-Escócia), Castelo de Balmoral (Balmoral-Escócia), Sandringham House (Norfolk-Inglaterra)
6 foram as cidades visitadas por Elizabeth 2ª durante os **11** dias em que permaneceu no Brasil, em 1968

FOTOS: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL (PÁGINA ESQUERDA) E ANNIE LEIBOVITZ (PÁGINA DIREITA)

curiosos privilégios DE ELIZABETH 2ª

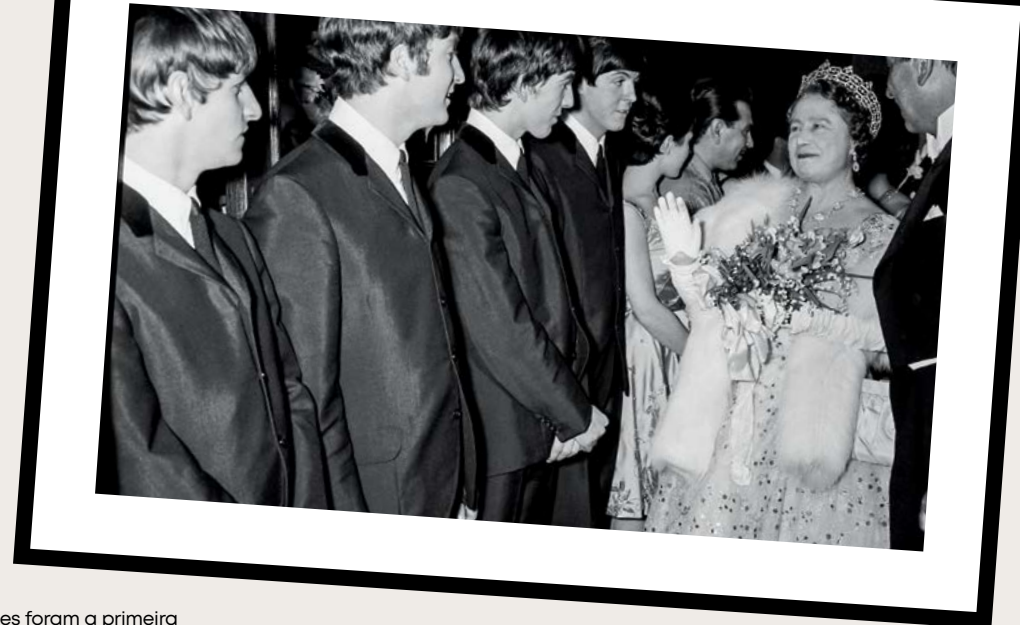
Entre os inusitados privilégios como soberana britânica, a rainha Elizabeth 2ª não precisava de passaporte nem carteira de motorista e era dona de todos os cisnes e esturjões do país, que agora serão herdados pelo rei Charles 3º.

- A rainha podia viajar sem documentos e, diferentemente dos outros membros da família real, não tinha passaporte, um documento emitido em seu nome, portanto, não podia conceder a si mesma. Por esse mesmo motivo, tinha um regimento privilegiado em matéria de condução de automóveis, já que era a única britânica isenta da obrigatoriedade da habilitação para dirigir.
- Como chefe de Estado, não votava e não podia se candidatar a cargos eleitorais. Porém, era ela quem abria as legislaturas do Parlamento e empossava

o primeiro-ministro, com quem se encontrava regularmente.

- Há vários séculos, os cisnes que vivem livres nas águas do país são considerados propriedade do monarca britânico. Todo ano, esses animais são objeto de uma meticulosa recotagem no rio Tâmisa, uma tradição que hoje faz parte das políticas de preservação ambiental. A mesma prerrogativa real se aplica aos peixes esturjões, golfinhos e baleias nas águas ao redor do Reino Unido.
- De champanhes franceses a bebidas gaseificadas, passando por pequenos produtores britânicos, as marcas que abastecem a Coroa têm o privilégio de expor o brasão real em seus comércios. Uma grande honra e, sobretudo, um formidável argumento de venda para os escolhidos cujos produtos são conhecidos por pertencerem à categoria “By appointment”.

No final da Segunda Guerra Mundial, a princesa Elizabeth serviu nas forças armadas, como mecânica e motorista, ajudando a elevar o moral do povo britânico



Os Beatles foram a primeira banda pop a receber o MBE de Elizabeth 2ª, no Palácio de Buckingham, em novembro de 1963

realmente POP

Para lá da imagem política e histórica, Elizabeth 2ª é um perene símbolo do imaginário coletivo. Seu reinado coincidiu com a era da comunicação de massa e da cultura das celebridades. Foi a mulher mais fotografada do século passado e, assim como o Papa, será para sempre pop.

- Em 1965 Elizabeth 2ª condecorou os Beatles com a Ordem do Império Britânico. Honraria até então inusitada para uma banda de rock.
- Deu carta branca para a realização do documentário “Royal Family”, produzido pela BBC em 1969, sobre o cotidiano real no Palácio de Buckingham. Em seguida proibiu o filme depois de sua primeira e única exibição na TV britânica. Em 2021 o documentário vazou no YouTube.
- Foi motivo de uma série de pinturas do artista pop americano Andy Warhol. E retratada oficialmente pelo pintor Lucian Freud, neto de Sigmund Freud. Ela não gostou do resultado, mas guardou a obra mesmo assim.
- Teve sua imagem estampada na capa do álbum “Never Mind the Bollocks” (1977), da banda Sex Pistols, com a faixa “God Save the Queen”, um clássico punk.
- Muito antes do grande público ouvir falar de internet, Elizabeth 2ª foi a primeira monarca a enviar um e-mail, em 1976, durante uma visita a uma base militar. Vinte e um anos mais tarde, lançou o primeiro website oficial da família real britânica.

- A cada 10 anos, a rainha atribuía a um poeta de “importância nacional” o cargo honorário de poeta real, uma tradição que remonta ao século 17. Mas só em 2009, a primeira mulher, Carol Ann Duffy, obteve o título. Duffy escreveu poemas para o casamento do príncipe William em 2011, o 60º aniversário de coroação da rainha em 2013 e o casamento do príncipe Harry em 2018. Em 2019, foi substituída por Simon Armitage.
- “The Queen is Dead” (1986) é o título do álbum e da canção da banda de rock The Smiths, liderada pelo cantor e compositor Morrissey, um ferrenho anti-monarquista.
- Surge como a personagem mais fascinante do livro “Diana - Crônicas Íntimas” (2007), da jornalista Tina Brown, apesar da obra ser sobre a vida e morte da princesa de Gales.
- A atriz Helen Mirren foi duas vezes premiada ao interpretar Elizabeth 2ª. Levou o Oscar por “A Rainha” (2006) e recebeu o Evening Standard Theatre Award pela peça “The Audience” (2013).
- Sua Majestade estrelou o clipe de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, contracenando com o ator Daniel Craig, como o agente 007.
- Claire Foy e Olivia Colman interpretaram Elizabeth 2ª no premiado sucesso “The Crown”, da Netflix. Na quinta temporada - com estreia em novembro - será a vez da atriz Imelda Staunton encarnar a monarca, até o encerramento da série, em 2024.

FOTO: KEYSTONE/GETTY IMAGES (PÁGINA ESQUERDA) E ALAMY (PÁGINA DIREITA)

EU SOU O BRASILEIRO

que trabalha
e realiza.



Saiba mais

Marcelo da Paz

Padeiro e proprietário da Padaria Caliel

Todos os dias, o Brasil acorda, se levanta e sai de casa para trabalhar. O Brasil dos nossos empreendedores, que decidiram construir a sua própria história com seus micros e pequenos negócios. São eles que movimentam o nosso país. Eles são o Brasil. Eles são a alma do Brasil. E nós? Nós somos a força do empreendedor brasileiro, a força com que eles contam todos os dias há 50 anos. **Somos o Sebrae que o Brasil precisa. O Sebrae que o Brasil contou ontem, conta hoje e vai contar amanhã.**

Sebrae 50 anos
50+50
Criar o futuro é fazer história

SEBRAE

A força do empreendedor brasileiro.

86

milhões de brasileiros beneficiados pelo setor (40% da população)

54%

dos empregos com carteira assinada

78%

dos empregos formais criados em 2021

30%

de todas as riquezas produzidas no país (PIB).



A candidata
May Rihani

May Rihani

Constituição acima de tudo, na eleição presidencial libanesa

“Precisamos de um presidente homem corajoso... **ou uma presidente mulher corajosa**”, disse a escritora libanesa-americana, **May Rihani, ao anunciar sua candidatura à presidência do Líbano**

Durante uma coletiva de imprensa, no último dia 7 de setembro, May Rihani lançou-se oficialmente como candidata a presidente - pouco mais de um mês antes do final do mandato do atual presidente libanês, Michel Aoun, em 31 de outubro. Ela é a segunda mulher, depois de Tracy Chamoun, a participar da corrida por Baabda.

Nascida na vila de Freikeh, em Metn, ao norte de Beirute, em 1945, May Rihani é filha de Albert Rihani e sobrinha de Ameen Rihani, célebres literárias libano-americanas. Ameen Rihani tornou-se particularmente conhecido por seus laços estreitos com a Arábia Saudita, que visitou pela primeira vez em 1922 e onde foi homenageado em 2016.

A candidata vive há 45 anos nos EUA e se define como “especialista em desenvolvimento internacional com décadas de experiência”, no material de campanha. Ela atuou como diretora da cátedra Khalil Gibran para Valores e Paz, na Universidade de Maryland, entre 2016 e 2020 e foi co-presidente da Iniciativa de Educação de Meninas da ONU (2008-2010). Rihani tem nove livros publicados e dirige a União Libanesa Cultural Mundial, organização sediada em Washington representante da diáspora do país. Também trabalhou com a Fundação René Moawad, ONG

autodenominada de “desenvolvimento”, liderada pelo deputado de Zgharta, Michel Moawad.

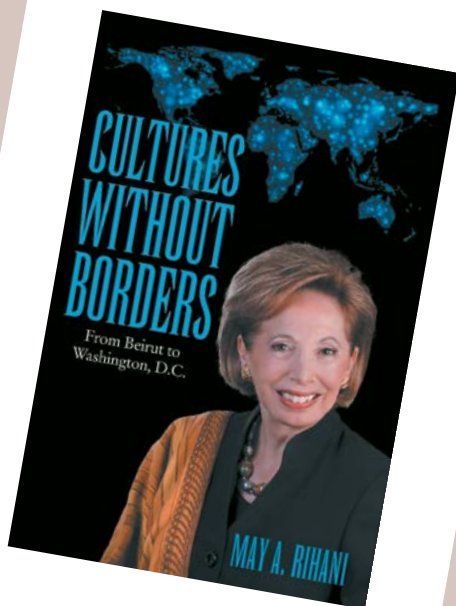
Embora a escritora tenha dito não ter iniciado reuniões oficiais com as figuras parlamentares que acabariam por elegê-la, admitiu que discutiu sua candidatura com Moawad, também visto como potencial candidato presidencial.

“Isso não significa que estamos um contra o outro. Temos perfis ligeiramente diferentes e tudo vai depender de quem puder reunir os deputados para apoiá-lo”, alegou ela. Rihani acrescentou que solicitou um encontro com o patriarca maronita Bechara al-Rai. Diplomatas sauditas sediados em Beirute mencionaram Rihani como uma candidata que pode receber o apoio do governo de Riad.

“Fazer parte da diáspora não significa não ser afetado pela situação no Líbano”, declarou a presidenciável em coletiva de imprensa em Beit Mery, ao comentar a decisão de retornar ao Líbano e concorrer às eleições. “Pelo contrário, tanto os residentes como os expatriados são vítimas”, justificou.

Segundo ela, a solução para a crise libanesa é, antes de tudo, política. “Os políticos no Líbano decidiram considerar a constituição como um ponto de vista ao qual tem de se adotar ou não. A verdade é que a lei fundamental deve ser respeitada ao pé da letra. Se eu for eleita presidente, a constituição será meu ponto de referência”. Acrescentou que deseja criar equipes

“ O Líbano precisa ser integrado ao arabismo moderno e globalizado que estamos testemunhando ”



“Culturas sem Fronteiras: De Beirute a Washington DC”, livro de memórias, é a oitava obra publicada pela premiada autora May Rihani. Ela argumenta que, apesar de tudo o que acontece no mundo, há mais pontos em comum do que diferenças entre as várias culturas existentes

de especialistas para discutir os problemas prioritários.

Quais são essas principais prioridades? Rihani se referiu primeiro à questão da milícia Hezbollah: “A constituição é clara. Somente o exército libanês pode portar armas. Portanto, é inegável que o arsenal do Hezbollah representa um fenômeno inconstitucional e deve ser abordado”. Ela falou em iniciar um diálogo com a milícia para que o grupo entregue as armas e para que alguns combatentes se integrem ao exército libanês. Rihani disse que pretende melhorar as relações entre o Líbano e os países árabes, incluindo a Arábia Saudita. “O Líbano precisa ser integrado ao arabismo moderno e globalizado que estamos testemunhando”, afirmou.

Rihani reconhece que, se eleita, seria a primeira presidente mulher do país, uma distinção que lançaria luz sobre as questões de gênero. “Se eu chegar ao Palácio Baabda, garantirei que a constituição, que enfatiza a igualdade de gênero, seja respeitada. Assim, a primeira medida que defendo é o direito das mulheres de passar a nacionalidade para seus filhos”, informou.

Anunciou que vai lutar pelos direitos dos depositantes que tiveram suas economias congeladas pelos bancos devido à crise financeira. “Meu objetivo é a recuperação de 80% dos depósitos”, assegurou, mas sem detalhar como faria isso.

Não deixou de reiterar o desejo de “reestruturar o setor bancário de acordo com os padrões internacionais”, incluindo a aceleração das negociações com o Fundo Monetário Internacional para um pacote de assistência financeira multibilionária. “Este é um primeiro passo importante, que pode restaurar a confiança dos doadores internacionais”, observou.

Finalmente, Rihani quer que “a verdade seja revelada o mais rápido possível”, sobre a explosão do porto de Beirute em que destruiu bairros inteiros da capital e matou mais de 220 pessoas, em 2020.

“É inaceitável que depois de dois anos as famílias das vítimas ainda não saibam quem matou seus filhos”, ponderou. E prometeu que começaria a reconstrução da região destruída para “colocar Beirute de volta no mapa mundial o mais rápido possível”. ■



VSC ADVOCACIA



Atendimento de forma personalizada e exclusiva, com equipe multidisciplinar e atuação integrada para resolver a demanda dos clientes com excelência.

Áreas de Atuação: Assuntos Regulatórios / Previdenciário e Trabalhista / Direito do Terceiro Setor / Direito Imobiliário / Família e Sucessões / Direito do Consumidor / Direito Civil / Empresarial e Societário.

Atendemos em:

São Paulo – SP • Peruíbe – SP • Ponta Porã – MS



VSC ADVOCACIA

Avenida Aclimação, 797 – Aclimação
CEP: 01531.001 – São Paulo/SP

(11) 9.5719.5457 (11) 2679.9770 / (11) 2979.2129

www.vscgestao.com.br – contato@vscgestao.com.br



Tracy Chamoun

Ela quer pôr ordem no caos

Neta de líder político da era de ouro do Líbano, Tracy Chamoun pretende ser a próxima presidente. Tem a seu favor o prestígio da família, para contornar uma crise histórica e diminuir o poder de fogo do Hezbollah

“O Líbano não pode continuar sem sua independência e soberania, e sem uma estratégia de defesa clara”, declarou a diplomata e atual candidata à presidência do Líbano, Tracy Chamoun, em entrevista coletiva em Beirute. “O Líbano não pode ser governado por um grupo, e suas decisões relacionadas à paz e à guerra só podem ser tomadas por meio de suas instituições”.

Neta do ex-presidente libanês Camille Chamoun (1900-1987), ela anunciou em 29 de agosto último a sua candidatura ao cargo máximo do país, com uma plataforma bastante crítica em relação à milícia radical Hezbollah, apoiada pelo governo do Irã.

Além desse embate político-ideológico, a situação libanesa só se agrava devido à crise econômica paralisante, apontada pelo Banco Mundial como a pior do mundo em mais de um século. A moeda do país perdeu mais de 90% de seu valor em relação ao dólar, com três quartos da população vivendo abaixo da linha da pobreza.

A candidata de 61 anos quer reformas importantes para resgatar a economia moribunda

e restabelecer a confiança com investidores internacionais. E criticou especialmente a influência do Hezbollah na política, na segurança nacional, seu arsenal armamentício e seu impacto nas relações com os países árabes.

A família Chamoun é um proeminente clã político cristão maronita. O presidente Camille Chamoun - que governou de 1952 a 1958 - fundou o Partido Liberal Nacional, de direita. Seu filho, e pai de Tracy, Dany Chamoun, liderou a milícia “Tigres” do partido na guerra civil libanesa, de 1975 a 1990.

Cinco homens armados assassinaram Dany Chamoun, em 1990, ao lado de sua segunda esposa, Ingrid, e seus filhos, de 5 e 7 anos. A filha mais nova do casal, de 11 meses, sobreviveu. Tracy Chamoun, então com 30 anos, morava em Londres na época.

Ela ocupou o cargo de embaixadora do Líbano na Jordânia a partir de 2017 até renunciar, em agosto de 2020, dias após a explosão do Porto de Beirute. Na história do país, foi a segunda mulher a concorrer à presidência, depois da advogada e ativista dos direitos civis, Nadine Moussa, em 2014. O mandato do atual presidente, o general militar aposentado e aliado do Hezbollah, Michel Aoun, termina no próximo dia 31 de outubro. ■



FOTO: AP

“O Líbano não pode continuar sem sua independência e soberania e sem uma estratégia de defesa clara”, declarou Chamoun em entrevista coletiva em Beirute

NEGÓCIOS NO FEMININO

Elas são cada vez mais numerosas, fazem a diferença, faturam e movimentam milhões. Conheça algumas poderosas libanesas que atraem a atenção, os olhos e investimentos do mundo inteiro

A presença das mulheres na economia e nos negócios só tem aumentado no Oriente Médio. No Líbano, nove nomes se destacam na lista das 30 mulheres que comandam grandes marcas, da revista “Forbes Middle East”. Na moda, beleza, gastronomia, tecnologia e mercado financeiro.

O critério de seleção seguiu as marcas endossadas por celebridades, o número de países em que estão presentes, a quantidade de seguidores nas redes sociais, os anos de experiência no mercado, a quantidade de investimentos externos e muito mais.

No Líbano, nove nomes se destacam na lista das 30 mulheres que comandam grandes marcas, da revista “Forbes Middle East”



Dima e Tania Nawbar, joalheiras

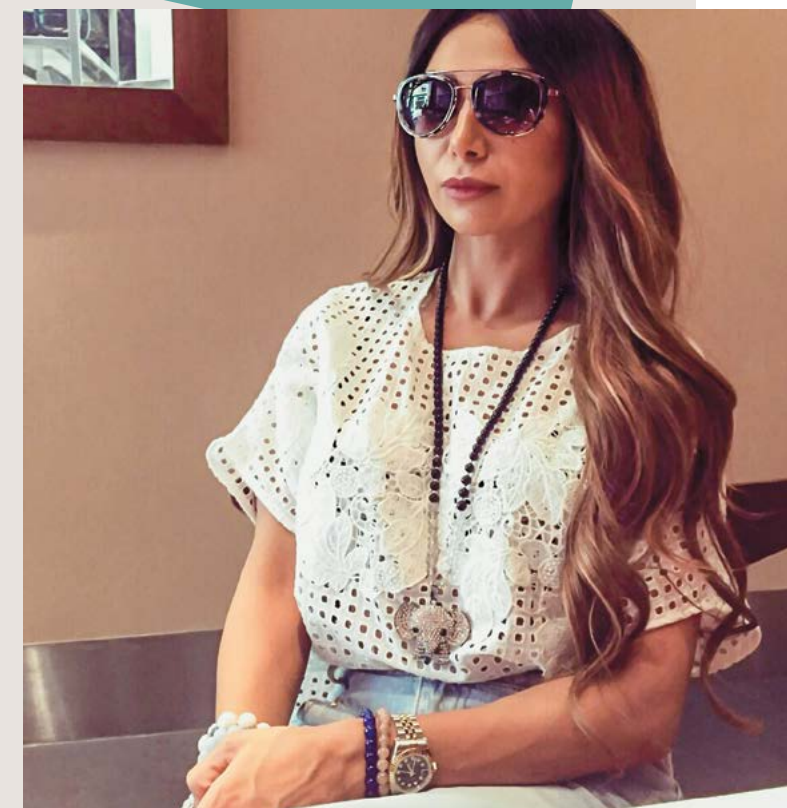
As irmãs Nawbar herdaram da família a arte da joalheria. Sua marca de alta joalheria L'Atelier Nawbar está presente nos EUA, França, Reino Unido, Bélgica, Suíça, Mônaco, Senegal, Cazaquistão, Hong Kong, Marrocos, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Egito, Arábia Saudita e Líbano - através de e-commerce e lojas físicas. Charlize Theron, Emily Blunt, Halle Berry, Carla Haddad e Camila Cabello são clientes.

FOTOS: FORBES MIDDLE EAST



Sarah Beydoun, designer de bolsas

Proprietária e diretora criativa da Sarah's Bag, fundada em 2000. São bolsas feitas à mão e desfiladas pelo mundo nas mãos de Beyoncé, Amal Clooney, rainha Rania da Jordânia e Nadine Labaki, entre outras. Participou da iniciativa da Mastercard para apoiar pequenas empresas dirigidas por mulheres na Expo Dubai 2020.



Maha Morley Kirk, empresária de beleza sustentável

Fundou sua empresa Fifteen Make Up & Beauty em 2015, desenvolvendo duas marcas de cílios ecologicamente corretos: os veganos Pinky Goat e os reciclados Eyecha Lashes. Os produtos Pinky Goat agora são comercializados em mais de 3.000 pontos de venda em todo o mundo e os Eyecha Lashes, em mais de 2.000.

Sarah's Bag, são bolsas feitas à mão e desfiladas pelo mundo nas mãos de Beyoncé, Amal Clooney, rainha Rania da Jordânia



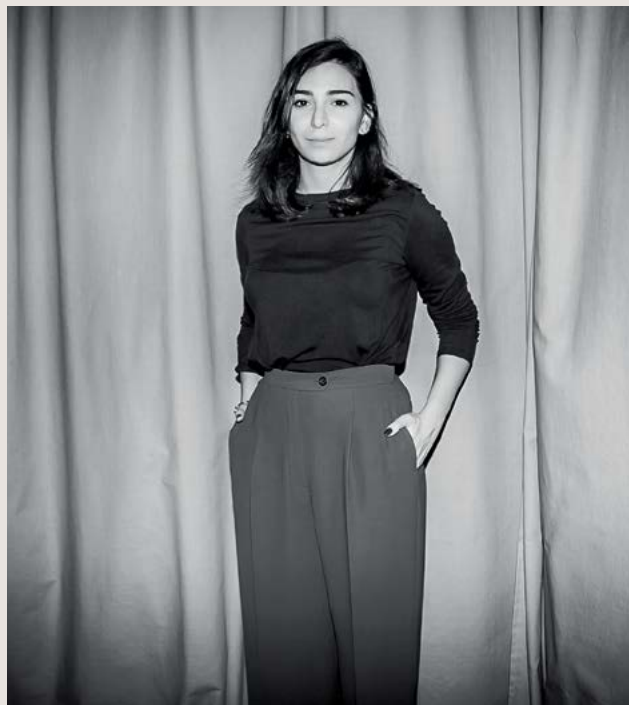
Dana Baki, empresária digital

Em 2015, Dana Baki lançou o MUNCH: ON (anteriormente conhecido como LUNCH: ON), um aplicativo de entrega de comida operando nos Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita. A startup levantou US\$ 15 milhões de investidores como Wamda Capital, Global Ventures, Derayah VC Fund, Mindshift Capital e Vision VC. A plataforma hoje trabalha com mais de 400 restaurantes em Dubai e entrega em todos os Emirados Árabes Unidos. Dana foi gerente sênior da P&G e cursou MBA na Georgetown University, nos Estados Unidos.



Gemy Maalouf, estilista

Nome estabelecido em Beirute desde 1996. Hoje está presente em 150 boutiques em 48 países. É a marca favorita das estrelas egípcias Arwa Gouda e Yousra. Em 2021, lançou uma loja virtual comercializando peças antigas reaproveitadas que apareceram vestindo nomes como Lady Gaga, Haifa Wehbe, Iggy Azalea, Kelly Clarkson, Kesha e Gwen Stefani.



Sandra Mansour, estilista

Conhecida pelo prêt-à-porter de luxo e vestidos de noiva, a marca Sandra Mansour está no mercado fashion desde 2010. É consumida no Líbano, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Arábia Saudita, EUA, Suíça, Reino Unido, Itália e China - além de ser comercializada na rede internacional de fast fashion H&M. Gigi Hadid, Sarah Jessica Parker, Alexandra De Hanovre, Princesa Ekaterina, Ellie Goulding e Lady Gaga são fãs da marca.

Andrea Wazen, designer de sapatos

Trabalhou nos ateliês de Rupert Sanderson, em Londres, e Christian Louboutin, em Paris. Desde que fundou a própria marca, suas criações calçaram as estrelas pop Beyoncé e Dua Lipa e a modelo Kylie Jenner. Está presente em toda a Europa e nos Estados Unidos, em lojas físicas e e-commerce.



**Gemy Maalouf,
estilista. Nome
estabelecido em
Beirute desde 1996.
Hoje está presente
em 150 boutiques
em 48 países**



Nadine Mezher, consultora financeira

Mãe e entusiasta de tecnologia, Nadine Mezher é cofundadora da Sarwa, uma plataforma de consultoria financeira criada em 2017, ao lado de Mark Chahwan e Jad Sayegh. Hoje a Sarwa atende mais de 80.000 usuários. Em 2021 foi lançado o Sarwa Trade, com comissão zero, taxa de transferência zero e pódio comercial. No mesmo ano, levantaram US\$ 15 milhões em investimentos da Mubadala Investment Company, Hambro Perks Oryx Fund, HALA Ventures e Middle East Venture Partners. Outros US\$ 25 milhões vieram de investidores como KIPCO e mais quinhentas startups com sede na Califórnia.

SANIYA HABBOUB

O PIONEIRISMO É O LEGADO DA PRIMEIRA MÉDICA DO LÍBANO

Em um tempo em que às mulheres era negado tudo além do casamento e da maternidade, Saniya Habboub ousou seguir sua vocação. Por mais de cinquenta anos exerceu seu ofício, foi reconhecida e abriu caminho para que outras mulheres dirigissem a própria vida



Dra. Saniya Habboub: história de superação e inspiração para várias gerações de mulheres

Em 1900, no compartimento feminino de um trem que liga Istambul a Beirute, uma jovem noiva turca observa com admiração uma senhora europeia imersa na leitura de um jornal. Na mesma noite, ela pede ao marido, comerciante libanês de couro, a promessa de investir na educação da filha - se a Providência lhes permitisse ter uma. Sendo ela própria analfabeta, a jovem dava grande importância à educação de uma filha, pois queria que ela fosse capaz de ler, um dia, todos os jornais que quisesse. Assim, a bordo desse trem, o destino de Saniya Habboub, a primeira médica do Líbano, foi selado muito antes de seu nascimento. No entanto, a jornada estava repleta de armadilhas.

Quando criança, Saniya Habboub frequentou a Escola Americana para Meninas, uma das primeiras escolas do gênero no Líbano. Nesse período, ela foi vítima da febre tifóide que levou sua irmã e a



deixou manca por vários anos. Casada com apenas 16 anos, se viu forçada a abandonar os estudos. Porém o casamento não durou muito e, cansada do desentendimento com os sogros, Saniya se divorciou, retornou a Beirute e à escola. Antes de sair, garantiu à madrasta, que a criticava constantemente: “Você vai ouvir de mim. Eu prometo”.

Na capital libanesa insistiu com o diretor da escola para que cursos de nível universitário sejam oferecidos às alunas. Ele cede, desde que a jovem encontre outros dois voluntários, conta sua neta Leila Osman Asser. Em 1926, Saniya Habboub e duas amigas se formaram no Junior College for Women.

Mas isso não era o suficiente para Saniya Habboub. No mesmo ano, matriculou-se como candidata independente no curso de ciências da Universidade Americana de Beirute (AUB). Uma vitória para a jovem universitária, especialmente porque muitos estudantes se opõem à presença de mulheres neste curso. De Ain el-Mreissé, onde mora, a jovem estudante pega o bonde sozinha para ir à

universidade, localizada na rua Bliss. Ela corre para suas aulas, sua cabeça coberta com um véu de três camadas. Tal audácia é mal vista pelos moradores do bairro, que zombam toda vez que ela sai de casa. Cuspiram em seu rosto e insultam seus pais por tê-la “criado mal”, como ela mesma confidenciou, em 1973, “Weekly Monday”, um semanário de língua inglesa. Na faculdade Saniya só conversa com os professores e evita os colegas. Mas a pressão social é tanta que ela decide continuar os estudos no exterior. O incentivo de seus pais, “determinados a educá-la”, confirmou a decisão. “Uma garota na faculdade de medicina era uma coisa nova no Líbano. Nada que eu fizesse poderia mudar essa regra”, relatou ao “Weekly Monday”.

Leila Asser conta que sua avó ouviu falar de um médico sírio recém-formado nos Estados Unidos. Ela então decide ir a Damasco para conhecê-lo. “Foi até a praça el-Bourj, onde alugou um carro para ir à Síria. Não conhecendo ninguém em Damasco, alugou um quarto de hotel, selou a porta com todos

Saniya, a jovem estudante pega o bonde sozinha para ir à universidade. Ela corre para suas aulas, sua cabeça coberta com um véu de três camadas

FOTOS: DIVULGAÇÃO

“Sejam mulheres educadas, capazes de estabelecer uma família, criar uma sociedade e construir uma nação. Andarão de mãos dadas com o homem” – Saniya Habboub

os móveis que conseguiu encontrar e não dormiu a noite toda. No dia seguinte, o médico ficou bastante surpreso ao vê-la em sua frente. Mas minha avó conseguiu dele todas as informações de que precisava”. Ao final desse encontro Saniya Habboub decidiu: irá para os Estados Unidos.

A viagem dura vários dias no mar. “Quando cheguei a Marselha, tirei meu véu em público pela primeira vez desde a infância”, declarou ao “Weekly Monday”. “Senti-me fraca e quase desmaiei”. No segundo semestre de 1926, ela ingressou em uma das poucas escolas médicas para mulheres nos Estados Unidos. Cinco anos depois, em 1931, tornou-se a primeira libanesa formada em medicina.

Saniya Habboub só voltou ao Líbano em 1933, depois de concluir uma especialização em obstetrícia na Faculdade de Medicina Feminina da Pensilvânia. Foi a primeira médica a atuar em Beirute, desafiando uma sociedade patriarcal. Abriu sua própria clínica de obstetrícia e medicina geral em Bab Idriss, onde trabalhou por quase meio século. “Os pacientes começaram a entrar antes mesmo de eu ter tempo de pendurar as cortinas”, lembrou ela.

Médica de sucesso, Saniya acaba comprando o prédio que abriga sua clínica. De acordo com a neta, muitos de seus clientes inicialmente a tomaram como parteira. “Toda a comunidade de Ain el-Mreissé, que a insultava, veio consultá-la”, afirma a sra. Asser. A médica trabalhava dia e noite, considerando considerava que sua aceitação como médica incentivava outras meninas a prosseguir seus estudos, preferindo a educação ao casamento precoce. Saniya Habboub tornou-se então um exemplo vivo de suas convicções: “Educação e determinação são as chaves para o progresso das mulheres”.

Em 1936, Saniya Habboub se casou novamente. “O marido era 12 anos mais novo que ela. Um tabu na época. Ele era jornalista e veio entrevistá-la. Feminista convicto, ele nunca interferiu no trabalho da mulher. Ele tinha muito orgulho e foi uma das pessoas que mais a encorajou”, afirma a sra. Asser.

Loubna Kodeih, filha de uma amiga íntima de Saniya, diz que “sua contribuição para a sociedade de Beirute foi imensa. Ela cuidou de pessoas desfavorecidas com muito amor e respeito”, diz ela.

De acordo com seu sobrinho Moustapha Habboub, o caminho vanguardista de Saniya Habboub encontra sua origem na casa da família. Acusado pela comunidade conservadora de encorajar a filha a continuar sua educação, seu pai era um homem culto que fez de sua casa um ponto de encontro para estudiosos proeminentes. Seu apelido, Habboub - “amado” em árabe - era porque ajudava pessoas necessitadas.

Saniya colaborou com várias associações, incluindo a Cruz Vermelha Libanesa, o orfanato islâmico (Dar el-Aytam al-Islamiya) e o Makassed. Em 1982, o governo libanês concedeu-lhe a Medalha de Mérito Sanitário para marcar seus cinquenta anos de prática médica. Ela também foi condecorada com a Ordem Nacional do Cedro, a mais alta honraria do país. Saniya Habboub morreu em 1983, aos 82 anos.

Em homenagem póstuma a essa mulher excepcional, o jornal “An-Nahar” publicou uma das suas cartas, escrita em 1948 e dirigida a jovens estudantes, na qual em que as incentiva a prosseguir os estudos, da qual aqui fica um trecho: “Sejam mulheres educadas, capazes de estabelecer uma família, criar uma sociedade e construir uma nação. Andarão de mãos dadas com o homem. Andarão juntas como se fossem voar”. ■

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/





Sílvia Rosa Lotfi

Formada na resiliência e na hospitalidade libanesa

Ela nunca foi ao Líbano, mas viveu intensamente as tradições e, sobretudo, a alegria de viver de seu povo. Hoje faz disso uma poderosa maneira de encarar o trabalho e o mundo

“**P**restar atendimento individual - tanto na prevenção do envelhecimento do adulto - como na saúde do idoso, na reabilitação física, promovendo a sua independência funcional, para a realização das tarefas básicas do dia a dia”. Assim Sílvia Rosa Lotfi descreve seu trabalho atual como fisioterapeuta voltado para as áreas gerontológica e geriátrica.

Paulistana residente em Belo Horizonte, Sílvia diz que sempre foi atraída pela área da saúde e define sua atividade como “o vínculo e a troca de energia entre o terapeuta e o paciente” que favorecem o tratamento e quase sempre propicia o sucesso da reabilitação.

“Quando não há melhora significativa do quadro desse paciente, procuro passar o espírito de resiliência do povo libanês, para que esse indivíduo não desista de si mesmo e não perca a esperança na sua recuperação”, declara Sílvia, descendente de libaneses por parte de pai e mãe.

Durante quase dez anos ela atuou como fisioterapeuta do trabalho do departamento de Saúde Ocupacional do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Uma área também constituída por médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros e assistentes sociais. Sílvia se encarregava de levar as necessidades dos servidores até a Secretaria de Recursos Humanos, negociando providências junto às instâncias superiores para oferecer melhores condições de trabalho a esses funcionários.

Sílvia fala com muito orgulho e carinho sobre os pais, Charles e Clodette, já falecidos - descendentes de libaneses de Zahle, do vale do Bekaa. Ela conta que os avós, Milhem e Miguel Lotfi eram primos e que seus pais se conheceram no Rio de Janeiro: “Pelo que dizem foi amor à primeira vista”, informa.

Ainda na capital carioca nasceu a primeira filha do casal, Olga Maria. Ao todo foram duas meninas e um menino, Miguel Tadeu - já falecido. Os irmãos cresceram ouvindo o idioma árabe em casa, por conta da avó materna, Olga, que vivia com a família. Sílvia conta ter aprendido com a avó a verdadeira hospitalidade libanesa: “Era a

“**O ideal de vida do meu pai foi trabalhar em prol da paz, da autonomia e da soberania do Líbano**”

típica matriarca, fazia banquetes como ninguém!”. Por sua vez, dona Olga trazia os ensinamentos de seus pais, donos do Hotel D’Amerique, em Zahle. “Ela aprendeu a culinária libanesa apenas observando os chefs que trabalhavam no hotel”, conta a neta.

A família prossegue sendo prioridade na vida de Sílvia, que hoje cuida da tia, Carole, irmã de seu pai, morto em 2020. “Nossa infância foi muito alegre, cercada de amor e carinho”. As memórias felizes também incluem o avô materno, Miguel, e a avó paterna, Rosa. Tudo movido com muita prosa, mesa farta, uma família numerosa e muitos amigos.

Sílvia nunca visitou o Líbano, mas garante que por conta da intensa convivência com a colônia, é como se tivesse conhecido o país.

O pai, Charles, ocupa lugar de destaque na trajetória de Sílvia. Apesar de ter nascido no Brasil, ele nutriu amor incondicional pelo Líbano. “O ideal de vida do meu pai foi trabalhar em prol da paz, da autonomia e da soberania dessa nação, fundando a Confederação das Entidades Líbano-Brasileiras, que dirigiu por 25 anos”, faz questão de ressaltar.

“Meu pai tinha o Líbano como seu quarto filho”, afirma. ■



Simone Caldas Afif

“Busque oportunidades”

Assim a executiva incentiva outras mulheres a definirem seu papel e conquistarem seu lugar na sociedade. E conta que o exemplo da mãe e das avós fez dela uma mulher independente com muita fé

“**P**ara Simone Caldas Afif, 41 anos, as constantes transformações que enfrentamos no mundo são oportunidades para que deixemos as zonas de conforto em busca de conhecimento. “A inovação é excelente e exige que estejamos o tempo todo nos desafiando para tornar as nossas entregas cada vez mais atrativas, eficientes e de qualidade”, afirma.

Como gerente do departamento de Workforce Planning, da multinacional KPMG do Brasil - prestadora de serviços no setor de consultoria fiscal de auditoria - seu trabalho tem como objetivo apoiar a empresa em ações estratégicas. “Fornecemos indicadores que possibilitam aos líderes acompanharem de forma rápida o comportamento de suas equipes em diversos temas”, explica. Assim, é possível garantir melhores resultados para os clientes.

Atualmente, seu principal projeto é a automação de alguns processos de grande volume e o aproveitamento de parcerias com outras áreas para agregar maior robustez e mais eficiência para as atividades. Além do planejamento e orçamento, a tarefa exige engajamento de todos. “Principalmente de nós mulheres, que conhecemos o ritmo de uma casa, da família, dos filhos...”, observa Simone. “No meu caso, busco o equilíbrio pois acredito que a harmonia entre a rotina doméstica e o trabalho só tende a trazer mais benefícios no desempenho dos dois papéis”.

Formada em Fisioterapia, há 20 anos, com pós-graduação em Neurologia, ela conta que o trabalho com pacientes com doenças degenerativas a levaram a se envolver na parte administrativa da profissão. A partir daí, decidiu que era esse seu caminho profissional e prosseguiu os estudos para buscar oportunidades e enfrentar desafios. Ingressou na KPMG em 2006, onde tem trilhado uma trajetória bem-sucedida.

Ela destaca as iniciativas sociais da empresa como um dado significativo e compensador de seu trabalho. Como o convite que recebeu, este ano, para participar do programa Talentos Femininos, de empoderamento para jovens mulheres. “Fui mentora de uma garota de Belo Horizonte, trocamos experiências profissionais e

FOTO: DIVULGAÇÃO

“**Sem dúvida, o impacto da herança libanesa fez de mim uma mulher independente e de muita fé**”

personais. Eu a orientei em relação a cursos, mercado de trabalho e oportunidades em seu município. Uma experiência realmente enriquecedora para mim”, conta com entusiasmo.

Nascida em Santos, no litoral paulista, Simone descende de imigrantes naturais de Arjes - norte do Líbano - e diz que tem planos de conhecer a terra dos antepassados. “Meus pais estiveram lá pouco antes da pandemia e voltaram maravilhados”, conta. Sua ideia do Líbano, além da beleza natural e das histórias ouvidas em família, é a de um povo leal, alegre e resiliente. “Acredito que minhas raízes estão nos valores que tenho como pessoa. Sem dúvida, o impacto da herança libanesa fez de mim uma mulher independente e de muita fé”, resume. Seus exemplos femininos de vida mais próximos foram “a força e a positividade da minha mãe, o ânimo e a coragem das minhas avós”.

Para as jovens que estão chegando ao mercado de trabalho, o conselho de Simone é direto: “Estudar e se manter em movimento em busca de oportunidades, não se contentar com o pouco ou desanimar diante das dificuldades. Transformar o futuro só depende de nós”. E conclui: “Sei que para a realidade de muitas pode parecer algo inalcançável, mas não é. Sempre teremos escolhas a fazer e pessoas dispostas a contribuir com a nossa evolução, mas precisamos fazer a nossa parte”. ■

ALIMENTO E UNIAO EMPODERAM MULHERES NO LIBANO

Delícias da cozinha libanesa inspiram o trabalho de um grupo feminino libanês, para driblar a crise e sustentar a comunidade

Com o sugestivo nome de Al-Atayeb (As Delícias), uma cooperativa comandada por 13 mulheres, na cidade de Kfardebian, ao norte de Beirute, é especializada na produção de iguarias tradicionais da região, como geleias de pastas de frutas, além do famoso makdous (berinjela em conserva).

Trata-se de uma iniciativa feminina para driblar a grave crise econômica através de um dos traços mais conhecidos e festejados da cultura libanesa, a gastronomia. Cada uma das mulheres que compõem a cooperativa recebem uma parte dos lucros, além de um salário pela preparação e processamento dos alimentos. Os agricultores locais funcionam como fornecedores e também se beneficiam com a empreitada.

“Ensinar habilidades de processamento e preparo de alimentos foi minha maneira de empoderar as mulheres”, diz Samira Zoughaib Akiki, presidente

da Al-Atayeb. “E também me empoderou, já que estava cercada por mulheres generosas e com visão”, acrescentou.

Akiki começou na indústria de alimentos há cerca de duas décadas, realizando workshops de processamento e sessões de treinamento para mulheres. Essa experiência a levou à criação da Al-Atayeb como uma cooperativa, para criar oportunidades de trabalho e garantir que todos os membros compartilhassem do sucesso do empreendimento.

Com o agravamento da crise econômica do Líbano devido à pandemia de Covid-19, Akiki teve conhecimento que o escritório da Organização das Nações Unidas no Líbano estava fornecendo apoio essencial para cooperativas.

“A ONU forneceu os salários para as mulheres manterem sua renda, o óleo e o açúcar que usamos para produzir os alimentos e os potes necessários para conservar os produtos”, conta Samira Akiki. “Isso atendeu às nossas necessidades financeiras,



Com um sorriso nos lábios, Samira Zoughaib Akiki verifica as maçãs enquanto estão fervendo. Abaixo, uma cesta com produtos da Cooperativa Al-Atayeb



restabeleceu nosso capital e compensou nossas perdas: pudemos retomar as atividades em um momento em que muitos negócios estavam fechando”, diz orgulhosa.

Ao todo, a ONU no Líbano apoiou 94 cooperativas de diferentes vilarejos, como Deir Al-Ahmar, Fneidek, Qana, Harissa e Lehfed, todas com foco no trabalho das mulheres. Além do capital necessário, esse apoio também vem na forma de esse apoio vem em matéria-prima, equipamentos e utensílios. Pelo menos 6 mil pessoas se beneficiaram do projeto de US \$4,4 milhões, financiado pelo Banco Alemão de Desenvolvimento, por meio do Programa de Desenvolvimento da organização.

A cooperativa Al-Atayeb tem sido um fator chave para o sustento de muitas famílias em Kfardebian, dando incentivo e confiança às mulheres da comunidade. “A nossa cooperativa representa os valores em que acreditamos”, afirma Samira. “Trabalhamos com paixão. Ajudamos a nossa comunidade e servimos o bem público”. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO

“ Ensinar habilidades de processamento e preparo de alimentos foi minha maneira de empoderar as mulheres ”

GLAMOUR

A BELEZA FUNDAMENTAL

Muito mais que um desfile de beldades, o concurso de Miss Líbano 2022 despertou o sentimento patriótico no país. Lembrou uma nação amada e próspera que precisa ser restaurada



Yasmina Zaytoun,
Miss Líbano 2022

Estudante de jornalismo e apresentadora de programa educacional, Yasmina Zaytoun tem 20 anos e foi eleita Miss Líbano 2022, na noite de 24 de julho, em Beirute.

Concursos de beleza sempre tiveram uma natureza ambígua - encarados por instrumento de opressão às mulheres disfarçado de distração escapista - mas a edição deste ano do Miss Líbano provocou uma emoção singular no coração do povo. A competição foi amplamente promovida nas redes sociais com a hashtag #WeMissLebanon, numa clara alusão de esperança pela recuperação de um país, longe da turbulência econômica, da corrupção na política e da extrema pobreza. O sentimento era de restauração do velho Líbano muito lembrado e adorado.

Assim, uma multidão se reuniu Forum Beyrouth, local do concurso, enquanto milhares de espectadores, em suas casas, acompanharam a transmissão pela TV. Ficou claro que o momento era de orgulho e esperança para todos os libaneses. E as 17 candidatas não decepcionaram, pronunciando discursos sinceros dedicados ao seu amado país.

Vestindo uma criação exclusiva do estilista Georges Hobeika, em tons de rosa, Yasmina recebeu a coroa da vencedora anterior, Maya Reaidy, Miss Universo Líbano 2018-2021. Fizeram parte do corpo de jurados Karen Wazen - influenciadora digital e voz de toda uma geração de libaneses - Michel Fadel, Mohamad Yehya, Karolina Bielawska - Miss Polônia e Miss Mundo 2021 - Nayla Tueni, Ivan Caracalla, Hilda Khalife e a Miss Líbano 1993, Samaya Chedrawi.

Rima Fakih, Miss EUA 2010 e agora diretora nacional do concurso Miss Universo Líbano, fez um discurso emocionado, viralizado nas mídias sociais: "É importante para mim ver o nome do nosso no palco do Miss Universo. Espero que este ano, a garota eleita ajude a fortalecer, apoiar e elevar o nome do Líbano em todo o mundo. Isso é mais importante do que um vestido e um desfile pelo palco". ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Yasmina com uma criação exclusiva do estilista Georges Hobeika. Abaixo, as concorrentes a Miss Líbano



“ Ficou claro que o momento era de orgulho e esperança para todos os libaneses. E as 17 candidatas não decepcionaram ”

MAYYAS

OS CAMPEÕES DA MAIOR COMPETIÇÃO DA TV AMERICANA

Não teve para mais ninguém na final da recente temporada do “America’s Got Talent”. Os 36 bailarinos libaneses conquistaram, público, jurados e o prêmio de US\$ 1 milhão



Grupo Mayyas: sensação libanesa no mundo da dança

Apesar da crise aguda que sacrifica seu país, o povo libanês dá provas de resiliência e algumas são motivo de orgulho internacional. É o caso do grupo de dança Mayyas, vencedor da 17ª temporada do programa de TV “America’s Got Talent”, competição entre artistas de variedades, na emissora norte-americana NBC e sucesso absoluto de audiência. Na noite de quarta-feira, 12 de setembro, o grupo superou 10 outros concorrentes e se tornou o campeão da grande final da temporada.

Primeiro o apresentador do programa Terry Crews anunciou que o Mayyas estava entre os 5 finalistas na competição, e o público aplaudiu freneticamente. A ansiedade das torcidas aumentou quando a decisão ficou entre os dançarinos libaneses e Kristy Sellars, bailarina de pole dance. Quando finalmente a decisão através do voto dos telespectadores foi anunciada, uma chuva de confete caiu sobre o palco e o Mayyas - junto com seu coreógrafo Nadim Cherfan - foi ovacionado pela plateia. “Mal podemos acreditar, estamos muito felizes!”, disse um dos dançarinos emocionado. Além do prêmio de US \$1 milhão, o grupo recebeu a oportunidade de se apresentar no show “America’s Got Talent Live”, em Las Vegas.

O presidente libanês Michel Aoun concedeu ao grupo a Medalha de Ouro de Mérito Libanês e o governo se pronunciou através do Twitter: “Em reconhecimento por suas contribuições artísticas e sucesso nos mais importantes programas de talentos internacionais”.

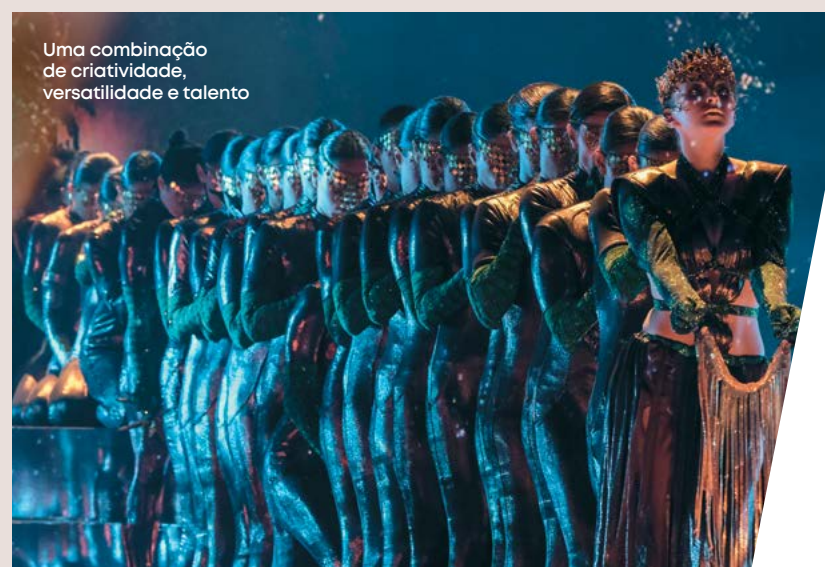
Já na primeira audição para o programa, os 36 bailarinos conquistaram o júri e ganharam acesso direto às semifinais. Eles então fizeram uma apresentação de tirar o fôlego que lhes rendeu votos suficientes para passar para as finais.

Na noite da decisão, além dos competidores, artistas convidados como Light Balance, Black Eyed Peas e Darius Rucker se apresentaram. E os Mayyas mais uma vez impressionaram o público e o júri com uma nova coreografia. O palco se abriu sobre uma bailarina cuja saia vasta era formada pelos outros 35 artistas da trupe que empunhavam leques de plumas brancas.

O grupo libanês enfrentou forte concorrência na finalíssima, incluindo a ventriloqua Celia Muñoz, o cantor country Drake Mulligan e o saxofonista Avery Dixon. Os Mayyas sucedem o mágico e cantor Dustin Tavella, campeão da temporada anterior do AGT. ■



Os campeões da 17ª temporada do programa America’s Got Talent



Uma combinação de criatividade, versatilidade e talento

“Além do prêmio de US \$1 milhão, o grupo recebeu a oportunidade de se apresentar no show “America’s Got Talent Live”, em Las Vegas”

SOLIDARIEDADE

UNIDOS CONTRA A CRISE

Os laços entre duas nações foram mais uma vez estreitados com o lançamento do Fundo Humanitário de Apoio ao Povo do Líbano, durante cerimônia solene em Brasília



A embaixadora do Líbano, Carla Jazzar, em pronunciamento para os convidados do lançamento do Fundo Humanitário



O empresário Najji Nahas, o ex-presidente Michel Temer, a embaixadora Carla Jazzar e o chanceler Carlos França

Em forte discurso, a embaixadora do Líbano no Brasil, Carla Jazzar, lembrou a grave crise que seu país atravessa atualmente, destacando os efeitos devastadores da explosão de agosto de 2020, que destruiu o centro de Beirute, acentuando os problemas econômicos e sociais.

O pronunciamento foi a principal fala do evento realizado em 3 de agosto último, na embaixada libanesa em Brasília, durante o lançamento oficial do Fundo Humanitário de Apoio ao Povo do Líbano. Carla Jazzar agradeceu o grande apoio encontrado dentro do Ministério das Relações Exteriores, em especial dos embaixadores Sidney Romeiro e Kenneth da Nóbrega, que foram essenciais no desenvolvimento e na execução do projeto que tem como presidente de honra Michel Temer, ex-presidente da República.

Na ocasião também estiveram presentes os ministros Carlos França (Relações Exteriores) e Marcelo Queiroga (Saúde), além de membros do Congresso, como o senador Nelsinho Trad e os



Os embaixadores Sidney Leon Romeiro e Carla Jazzar



Suamir Chamone, padre Rafael Magul e Michel Magul, secretário de governo da Prefeitura de Goiânia



Embaixador Eduardo Saboia, núncio apostólico no Brasil, dom Giambattista Diquattro, e Alan Séllos, chefe do cerimonial do Itamaraty

FOTOS: EMBAIXADA DO LÍBANO



O senador Nelsinho Trad, a embaixadora Carla Jazzar e o ex-presidente Michel Temer



O ex-presidente Michel Temer com o casal Helena Cristina e Hanna Mtanios Hanna Jr., cônsul honorário do Líbano em Goiás



Cardeal dom Paulo Cezar e dom Edgard Madi



Suamir Chamone, presidente do Clube Libanês de Belo Horizonte, e dom Edgard Madi

deputados Ricardo Bros, Osmar Terra, Arthur Maia, Joice Hasselmann, Adriana Ventura, Joaquim Passarinho e Mauro Pereira. Vários chefes de missões diplomáticas, líderes religiosos e membros da comunidade líbano-brasileira - como o empresário Naji Nahas, o embaixador Osmar Chohfi (presidente da CCAB) e o ex-ministro Carlos Marun - igualmente prestigiaram o lançamento.

O ex-presidente Michel Temer pontuou em seu discurso um pouco do que presenciou em Beirute ao chefiar a missão humanitária enviada pelo governo brasileiro logo após a explosão de 2020. “Nós pudemos verificar uma dor extraordinária, mas não apenas uma dor de tristeza, de desolação”, disse. Temer elogiou a iniciativa e destacou a colaboração de membros da comissão na construção do fundo, como Mohamed Zoghby, presidente da Fambras.

Carla Jazzar frisou a recepção calorosa da ideia tanto no Palácio do Planalto quanto no Congresso, principalmente na Comissão de Relações Exteriores, onde sua presidente, a senadora Kátia Abreu, organizou - a pedido dos senadores Nelsinho Trad e Esperidião Amin - uma audiência pública para discutir a situação no país do Oriente Médio. Nessa sessão foi elaborado um documento com propostas para incrementar a ajuda brasileira ao povo libanês.

O ministro Carlos França ressaltou a importância da iniciativa da criação do fundo e mencionou o projeto de lei de autoria do senador Nelsinho Trad, que pretende isentar de Imposto de Renda as doações humanitárias enviadas para o exterior. “É uma proposta que, caso aprovada, facilitará volumes maiores de doações e mais ações de caráter filantrópico”, informou.



Mohamed Hussein el-Zoghby, presidente da Fambras



O embaixador palestino, Ibrahim Mohamed Alzeben, com o ex-presidente Michel Temer



Claudia Coja



Carla Jazzar cumprimenta o ex-presidente Temer



O ministro Carlos França, Gilberto Ochi, o ex-presidente Temer, o deputado federal Ricardo Barros e o ex-ministro Carlos Maroun

“O que hoje parece uma assistência humanitária ao povo libanês pode, na verdade, servir de base de contribuição do Brasil para a reconstrução do Líbano e a sua recuperação” – Embaixadora Carla Jazzar



Em discurso, Carla Jazzar abordou a importância da criação do Fundo Humanitário

VIVA A AMIZADE LÍBANO-BRASILEIRA!

A íntegra do discurso da embaixadora Carla Jazzar

Exmo. senhor ex-presidente Michel Temer,
Exmo. embaixador Carlos França, Ministro das relações exteriores,
Exmo. senhor Marcelo Queiroga, Ministro da Saúde,
Exma. senhora Cristiana Britto, ministra dos Direitos Humanos, da Mulher e da Família,
Exmos. senadoras e senadores, deputadas e deputados,
Exmos. embaixadores,
Caros amigos,
Senhoras e senhores,

Bem-vindos à Embaixada do Líbano, a casa de todos os amigos neste belo Brasil. Me sinto muito honrada e emocionada pela presença de personalidades tão eminentes, e pela grande participação de pessoas de várias partes do país. Me sinto ainda mais emocionada com a participação de vocês neste evento em memória do segundo ano da explosão do porto de Beirute. Este é um testemunho de sua solidariedade com o Líbano;

uma solidariedade que nunca falhou e que já se manifestou em várias ocasiões, como no dia seguinte à tragédia do 4 de agosto. Nesta triste ocasião, o presidente Michel Temer liderou uma delegação oficial de alto nível para oferecer ajuda humanitária e moral ao povo libanês. Esta generosidade fortalece minha convicção de que a salvação do Líbano esteve, está e estará nas mãos dos amigos e dos emigrantes ao redor do mundo e principalmente no Brasil.

Senhoras e Senhores

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao presidente Michel Temer pela sua presença, que muito nos honra, e pela sua nobreza de concordar em presidir, honorificamente, o fundo destinado a ajudar nosso povo.

Caro presidente Temer, sua liderança moral irá impulsionar os nossos esforços e dar-lhes uma dimensão mais atrativa e mais elevada para os potenciais colaboradores. Esta é uma demonstração adicional de sua generosidade de alma e coração, e

de seu compromisso humanitário para aliviar a dor dos povos em sofrimento.

Queria agradecer também ao Ministro das relações exteriores, o Embaixador Carlos França, por sua presença conosco esta noite. Na verdade, esta iniciativa que nos reúne hoje é conjunta. Ela nasceu de nosso brainstorming com os embaixadores Kenneth de Nóbrega e Sidney Leon no Itamaraty. Desde que eu assumi meu cargo neste país, minha parceria com Itamaraty, incluindo a ABC e o cerimonial, nunca faltou. Então, aproveito esta ocasião para saudar esses senhores embaixadores aqui presentes, e para estender ao ministro França meu profundo reconhecimento por seu apoio à minha missão. Estou infinitamente grata a você.

Meu muitíssimo obrigada à comissão das relações exteriores do senado federal, especialmente a sua presidente, a Senadora Kátia Abreu, e aos senadores Nelsinho Trad e Esperidião Amin por me dar a oportunidade de expor a gravidade da situação de meu povo, durante uma audiência especialmente reservada para o Líbano. Desse encontro resultou uma série de recomendações para ajudar o povo libanês, e também dois projetos de lei, apresentados pelos senadores Esperidião e Nelsinho e também pelo senador Carlos Portinho, cujo objetivo é reduzir o custo das transferências de dinheiro e assistência humanitária para o Líbano.

Queria agradecer também a todas as autoridades políticas, econômicas e sociais que tive a oportunidade de encontrar desde minha chegada ao Brasil. Não posso deixar de mencionar o senhor Carlos Melles, presidente do Sebrae, aqui presente, e os senadores e deputados que me receberam com tanta graça e prometeram apoio nesta empreitada.

Por último, mas não menos importante, gostaria de expressar minha gratidão ao grupo de voluntários, formado em julho no ano passado, em resposta ao meu pedido de ajuda. Muito obrigada a todos pela generosidade e pelo tempo que vocês dedicaram estudando a melhor forma de criar este fundo. E aproveito esta oportunidade para estender ao senhor Guilherme Matar meus sinceros agradecimentos por sua liderança do grupo, e o seu

sucessor, o senhor Mohamed Zogbi os meus mais sinceros desejos de boa continuação. Agora, é onde o verdadeiro trabalho começa!

Senhoras e senhores,

É com muito prazer que anuncio hoje a criação de uma estrutura financeira, destinada a atender a população libanesa que enfrenta uma situação econômica e financeira dramática, estimada pelo Banco Mundial como uma das piores do mundo. E graças à comunidade de ascendência libanesa e aos amigos do Líbano no Brasil que este projeto se tornou realidade. Assim, aproveito este momento para partilhar com vocês meu orgulho do sucesso desta comunidade em todas as áreas: na política, negócios, medicina, jornalismo, artes, etc., e da qual muitos de vocês, esta noite, são o exemplo perfeito. E graças a vocês que o Líbano faz parte integrante do Brasil e vice-versa; E graças a vocês que nossas relações bilaterais são uma história de integração social e cultural real e indestrutível.

O projeto do fundo que nos reúne esta noite é, na verdade, uma maneira de traduzir esta enorme influência que a comunidade de ascendência libanesa tem neste país em uma solidariedade tangível, sustentável e institucional como o povo libanês; uma solidariedade que retribuirá ao país dos ancestrais de muitos aqui; que construirá sobre essa ponte humana que conecta o Brasil ao Líbano; e que ajudará de uma forma sistemática que vai além da captação de recursos ad hoc ou da coleta de medicamentos quando necessário.

Senhoras e senhores,

O que hoje parece uma assistência humanitária ao povo libanês pode, na verdade, servir de base de contribuição do Brasil para a reconstrução do Líbano e a sua recuperação. Isso é bom para o Líbano. É bom para a comunidade Líbano-brasileira. É bom para o Brasil. É bom para as nossas relações bilaterais. E, além disso, teremos levado nossa amizade a um novo patamar.

Muito obrigada pela sua atenção e viva a amizade líbano-brasileira. Viva o Brasil e viva o Líbano.



O chanceler brasileiro Carlos França

“UM NOVO MARCO DA AMIZADE ENTRE DOIS POVOS”

Íntegra do discurso do embaixador Carlos França, ministro das Relações Exteriores

Senhoras e senhores,

É para mim motivo de grande satisfação participar do lançamento do projeto de Fundo Humanitário de Apoio ao Povo do Líbano.

Essa iniciativa, capitaneada pela comunidade libanesa no Brasil, é um novo marco da longa história de amizade entre nossos povos. Objetiva, num contexto desafiador tanto em nível local, quanto mundial, reunir recursos e direcioná-los para o Líbano em caráter humanitário.

Para nós, é motivo de orgulho que o Brasil seja lar de uma das maiores e mais importantes diásporas libanesas do mundo. Nossa comunidade libanesa conseguiu, em poucas gerações, conquistar espaço nas artes, na medicina, nos negócios e na política. A diáspora libanesa tornou-se, assim, um dos motores do desenvolvimento econômico, cultural e da diversidade política que tanto marcaram o Brasil

neste último século.

Saúdo, aqui, a idealizadora deste projeto, a embaixadora Carla Jazzar, encarregada de negócios do Líbano em Brasília.

Celebro, igualmente, a contribuição do Congresso Nacional para esta iniciativa. A embaixadora Jazzar encontrou excelente acolhida junto a membros do Parlamento em suas gestões pelo Fundo, em especial perante deputados e senadores de ascendência libanesa.

Noto, nesse contexto, o avanço do debate no Congresso Nacional referente à isenção de tributação sobre remessa de recursos para fins humanitários. Essa proposta, uma vez aprovada, facilitará volumes maiores de doações e mais ações de caráter filantrópico não só para o Líbano, mas para qualquer país que enfrente necessidades emergenciais.

O relacionamento do Brasil com o Líbano



Noite de pronunciamento humanitário na Embaixada do Líbano em Brasília



Michel Temer e Suamir Chamone, presidente do Clube Libanês de Belo Horizonte

constitui compromisso compartilhado pelo presidente Jair Bolsonaro que transcende questões partidárias.

As devastadoras explosões no porto de Beirute, que amanhã completam dois anos, foram aqui profundamente sentidas. Naquela ocasião, o Brasil enviou à capital libanesa Missão Multidisciplinar de Assistência Humanitária, no âmbito da qual duas aeronaves da Força Aérea Brasileira transportaram cerca de sete toneladas de ajuda humanitária.

Desde então, o Brasil entregou outras doações sob a coordenação da Agência Brasileira de Cooperação, entre as quais quatro mil toneladas de arroz, bem como medicamentos e insumos médico-hospitalares.

Senhoras e senhores,

O Fundo Humanitário de que nos ocupamos hoje constitui instrumento inovador, a ser gerenciado pela própria diáspora libanesa. Que o presidente Michel Temer, após chefiar a missão humanitária brasileira a Beirute, tenha aceitado tornar-se o presidente de honra do Fundo, é uma manifestação eloquente do compromisso do Brasil com o Líbano, uma nação que ao longo deste último século tanto ofereceu ao Brasil.

Cabe-nos agora retribuir, na medida do possível, tudo o que os libaneses ajudaram a construir em nosso País.

Muito obrigado.



Chanceler Carlos França, deputado federal Osmar Terra, ex-presidente Temer, Mohamed Hussein el-Zoghby e ministro Marcelo Queiroga



A Orquestra da Marinha do Brasil



Toninho Abdalla e João Carlos da Silva



Convidados da Embaixada do Líbano



O embaixador da Palestina, Ibrahim Mohamed Alzeben, Gilberto Ochi, Carlos Maroun, João Carlos da Silva, Michel Temer, Marcelo Queiroga e Mohamed Hussein el-Zoghby



Amer Nasr e o ex-presidente Michel Temer



Toninho Abdalla, Mohamed Hussein el-Zoghby, o embaixador Osmar Chohfi e Guilherme Matar



Mohamed e Georgia Mourad, embaixador Osmar Chofi e ministro Carlos França



A deputada federal Joice Hasselmann e Claudia Chater



Joaquim Haickel, Vandira Peixoto, Ricardo Duailibe, Virginia Duailibe, Manuella Peixoto e Alex Rahbani

“O Fundo Humanitário de que nos ocupamos hoje constitui instrumento inovador, a ser gerenciado pela própria diáspora libanesa” – Ministro Carlos França

ARTIGO

RESGATE PATRIÓTICO

POR JOÃO CARLOS DA SILVA*

O que representa a ação humanitária brasileira na presente crise interna e externa do Líbano



Ao criar o fundo humanitário em favor do povo libanês, a embaixada do Líbano no Brasil foca o resgate da economia em desgaste já de muitos anos, culpa de modelos políticos com dificuldades de mundo. O escolhido para presidir esse fundo é o ex-presidente Michel Temer. Descendente de libaneses, terá amplas condições para auxiliar a nobre causa com distinção e a aura de estadista respeitado que lhe cabe.

O advogado Mansour Elias Karmouche, figura ímpar da casta do cedro máximo, foi um dos primeiros em se posicionar junto a OAB do Mato Grosso do Sul, que presidia, nas dores dos habitantes de Beirute. Na explosão do porto ocorrida em lamentos, mortes e destruição, a cidade viu destruída uma parte da sua essência. Em crise interna e externa, o Líbano procura mostrar ao mundo a coragem e força de reconstrução de seu povo.

O Fundo Humanitário nada mais é que uma via para reunir personagens brasileiros atentos à causa

do país do cedro incólume. Sem uma economia forte, o turismo deixa de atrair pessoas de todo o mundo para as belezas do Líbano e suas cidades emblemáticas. Auxiliar essa iniciativa será a parte do Brasil em favor dos irmãos libaneses. Aqui se concentra a maior colônia no mundo fora de seu território. O estímulo da solidariedade entre nações fortalece uma irmandade secular. Assim será o caminhar do Fundo Humanitário em prol do Líbano. Buscar nos corações o fio de esperança na reconstrução daquilo que foi destruído.

Com toda certeza, um marco solidário como exemplo para o resto do mundo. A pandemia deixou suas marcas na vida do mundo inteiro. Destroços na vida e na economia. O Líbano e seu povo esperam dias de alvorecer e de paz. A cada ação de solidariedade, uma esperança. A cada mão estendida, um agradecimento. A cada passo em frente, um ideal. A cada vitória, um grito ecoando por todo o mundo. Viva Líbano! ■

***João Carlos da Silva é articulista e consultor. Foi assessor ministerial na Secretaria de Governo e na Presidência da República**

FOTO: DIVULGAÇÃO



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

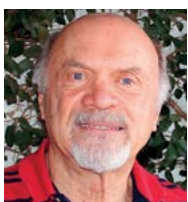
(31) 3299-3000



Raul Marino Jr.



Miguel Reale Jr.



Júlio Medaglia



Betty Milan



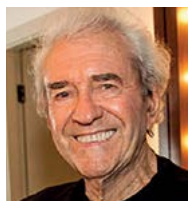
Gabriel Chalita



Luiz Carlos Lisboa



Leandro Karnal



Juca de Oliveira



Marcio Scavone



Rubens Barbosa



Eros Grau



RELÓGIO DO TEMPO

Paulo Nathanael



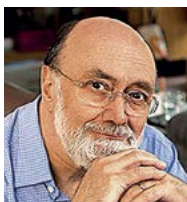
João Carlos Martins



Walcyr Carrasco



José Gregori



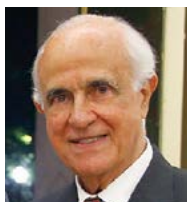
Bolívar Lamounier



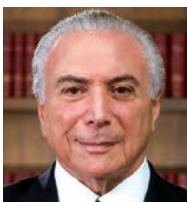
João Lara Mesquita



Jorge Caldeira



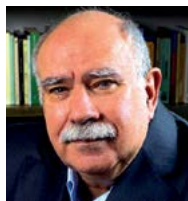
Synésio Sampaio
Goes Filho



Michel Temer



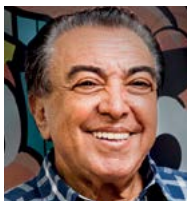
Roberto Duailibi



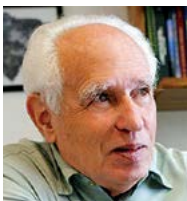
José de Souza
Martins



Celso Lafer



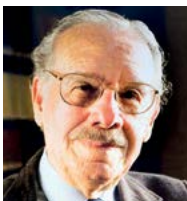
Mauricio de Sousa



José Goldemberg



José Fernando
Mafra



Fábio Lucas



José Pastore



Raul Cutait



Ives Gandra



Antonio Penteado
Mendonça

A ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS
SAÚDA A NOVA ACADÊMICA
DJAMILA RIBEIRO



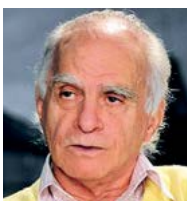
Tércio Sampaio
Ferraz



Maria Adelaide
Amaral



Dom Fernando
Figueiredo



Ignácio de Loyola
Brandão



Ruth Rocha



Mary del Priore



José Renato Nalini



ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS